

PERSPECTIVAS

Museus Para uma Sociedade Sustentável: Que Futuro?

Mário Chagas, professor da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Brasil

Cláudia Storino, directora do Centro Cultural Sítio Roberto Burle Marx, Brasil

Durante a Conferência Geral do ICOM Internacional, realizada na Argentina, em 1986, tendo como tema *Museologia e Identidade*, o museólogo croata Tomislav Sola levantou as seguintes questões: «Podemos tolerar que umas dez mil espécies estejam desaparecendo irreversivelmente a cada ano do nosso planeta? Podemos aceitar que a natureza esteja sendo empurrada para as reservas? Devemos tolerar que a bioengenharia interfira na ordem natural, se é que ela ainda existe? Devem as nossas preocupações profissionais e éticas terminar numa orgulhosa posse do último espécime das espécies? Os museus estão aqui para documentar passivamente esses rumos desastrosos ou para fazer algo quanto a eles?» (Sola *apud* Chagas 1996, 97–101).¹

Estas graves questões foram revisitadas durante o simpósio *Museus, Biodiversidade e Sustentabilidade Ambiental*, realizado em 2010, pela Fundação Osvaldo Cruz em parceria com o Instituto Brasileiro de Museus, no Museu Histórico Nacional, cujo resultado foi publicado em 2014.

Quando em 2015, o ICOM convida os museus e os seus profissionais, os pesquisadores, professores e estudantes de museus e Museologia a se debruçarem sobre o tema “Museus Para uma Sociedade Sustentável”, está claro que estamos voltando a um assunto antigo, que continua urgente, candente e mal resolvido no âmbito dos museus.

A prática da reciclagem e do artesanato desenvolvido a partir do excesso de garrafas de plástico lançadas no mercado, por exemplo, ainda que abraçada por alguns museus como uma novidade contributiva, como um benefício para o meio ambiente, não produz solução e contribuição alguma e não tem nenhuma potência crítica e transformadora. Valorizar e incentivar a reciclagem artesanal de garrafas de plástico utilizadas como embalagens de refrigerantes, água mineral e outros produtos, sem fazer uma crítica contundente ao sistema produtor de garrafas de plástico derivado do

¹ Chagas, Mário. 1996. *Museália*. Rio de Janeiro: JC Editora.

petróleo², é pura ingenuidade e beira a hipocrisia. É sabido que esse material, seja na condição de garrafa, seja na condição de uma flor de artesanato, leva em torno de 400 anos para se decompor. Além de tudo isso, a velocidade de produção das garrafas de plástico pelas grandes empresas e indústrias é muito superior à velocidade de trabalho de qualquer programa artesanal.

O desafio proposto pelo ICOM leva-nos a actualizar as questões de Tomislav Sola. É fundamental que os museus mudem de comportamento e que tenham um papel mais activo e participativo no que se refere aos desafios em defesa da diversidade e da sustentabilidade ambiental.

É preciso construir outros sentidos e referências. Os museus que brincam de sustentabilidade a partir da lógica da reciclagem artesanal da matéria plástica estão, em rigor, contribuindo para a manutenção de uma sociedade insustentável.

É preciso ir mais longe, é preciso denunciar e criticar o estímulo generalizado ao consumo como um dispositivo básico de sustentação do sistema capitalista. O consumo incessante e insistente, insinuante e insidioso. Todos são estimulados a consumir: mais coisas, mais petróleo, mais energia, mais água, mais roupas, mais terras, mais alimentos, mais garrafas de plástico, mais bolsas, mais sapatos, mais isso e mais aquilo. Consumir e consumir sempre e cada vez mais é a lógica que movimenta o mundo contemporâneo, o que é perverso, destrutivo, insustentável.

Se utilizarmos como referência o corpo humano, não será difícil compreender que o crescimento biológico não é eterno. O desejo de um crescimento económico eterno e para todo o sempre, se for analisado com cautela e isenção, revelará a sua inconsequência. Não é possível e muito menos necessário crescer sempre, crescer doentivamente, crescer sem parar. Esse desejo é uma espécie de Síndrome Invertida de Peter Pan. É preciso sublinhar ainda que, assim como o crescimento do corpo físico não corresponde ao crescimento emocional e intelectual, também um hipotético crescimento económico não corresponde à melhoria da qualidade de vida daqueles que são os principais responsáveis por esse mesmo crescimento económico.

Por tudo isso, em nosso entendimento, debater, enfrentar e lutar contra o consumo excessivo, o consumo como doença social é uma tarefa do museu contemporâneo. O consumo inconsciente e exagerado, bem como o desperdício, estão presentes entre os indivíduos e as empresas. Enfrentar esse tema (ao lado daqueles propostos por Tomislav Sola) faz parte dos desafios museológicos contemporâneos. Para isso, os museus precisam, em primeiro lugar, assumir como pauta prioritária a questão da “sustentabilidade ambiental” nos termos em que aqui estamos examinando, e, em

² No Brasil estas embalagens são popularmente conhecidas como “PET” ou “garrafas PET”. Trata-se de uma referência ao Politereftalato de etileno, um polímero termoplástico, desenvolvido por dois químicos britânicos, Whinfield e Dickson, em 1941.

seguida, lançar mão de todos os seus recursos (que não poucos) a favor dessa causa. Falamos de exposições de curta e de longa duração, de seminários e congressos, de exposições virtuais, blogues, Facebook, visitas orientadas, criação de percursos especiais no museu e no território, utilização de acervos institucionais e operacionais, publicações nas mais diferentes *media*, uso de aplicativos inovadores e muito mais.

As contribuições de um museu para uma sociedade sustentável podem ser singulares, inovadoras, preciosas e mesmo extraordinárias. Tudo vai depender do lugar social que esse museu ocupa e das energias e forças criativas que é capaz de movimentar.

Museus Para uma Sociedade Sustentável: Que Futuro?

Rui Silvestre, director executivo da Árvore - Cooperativa de Actividades Artísticas, Porto

O sector dos museus talvez seja um dos que tem melhor articulação a nível mundial. As estruturas que estudam, congregam e promovem este sector têm excelentes recursos humanos e materiais disseminados pelo mundo e os profissionais do sector têm acesso fácil a informação, directivas, códigos de conduta, exemplos e casos de estudo, para orientar a sua acção nos mais diversos campos. Podemos tomar como exemplo o *website* do ICOM Internacional <http://icom.museum/> e, especificamente no contributo para uma sociedade sustentável, o *website* da Associação de Museus Inglesa www.museumsassociation.org/campaigns/sustainability/sustainability-report.

No entanto, e sabendo das enormes dificuldades da maior parte dos museus nacionais, julgo que a principal questão que se coloca aos museus no nosso país (e permito-me dizer, a muitos outros equipamentos culturais), é a sua própria sustentabilidade onde a questão financeira assume particular relevo.

Mas os tempos atuais têm também mostrado que é possível, mesmo em contexto de grandes limitações e de grandes ameaças, construir ciclos virtuosos em que os efeitos positivos se multiplicam e assim se liga a sustentabilidade de uns à de todos.

Talvez a resposta ao desafio da sustentabilidade possa ser encontrada na razão da existência de cada museu ou de cada instituição e seja esse o contributo para a sustentabilidade da sociedade ou comunidade em que se integra ou à qual se dirige, “apenas” pelo cumprimento da sua missão.